

O Papel do Pai/Parceiro na Amamentação na Perspectiva de Homens Universitários

Claudia Daiana Borges¹

Rosina Forteski Glidden²

Bruna Bisewski³

Caio Fernando Zimmerman⁴

Jeniffer Martins⁵

Resumo

O apoio do pai ou parceiro influencia na duração da amamentação e na saúde mental da mulher, sendo fator de proteção para o desmame. Este estudo teve como objetivo compreender como o pai/parceiro pode auxiliar na amamentação, na perspectiva de homens universitários. Participaram 81 homens acadêmicos de uma instituição privada de Santa Catarina. Foi utilizado um questionário semiestruturado e realizada uma análise de conteúdo das respostas. Os resultados mostraram que a maioria dos participantes considerava que o auxílio poderia acontecer por meio do cuidado com a saúde e a alimentação da mãe. Em segundo lugar emergiu a categoria que evidenciava desconhecimento sobre formas específicas de auxílio. Conclui-se que, embora perceba-se uma atitude mais ativa e engajada dos homens, há também uma limitação de conhecimento sobre como auxiliar na amamentação em si, indicando a necessidade de ampliar os espaços de informação, discussão e reflexão sobre o papel do homem na amamentação.

Palavras-chave: amamentação; paternidade; relações familiares

The Role of the Father/Partner in Breastfeeding from the Perspective of Male University Students

Abstract

The support of the father or partner influences the duration of breastfeeding and the mental health of the woman, as a protection factor against weaning. This study aimed to understand how the father/partner can support with breastfeeding from the perspective of male university students. The participants were 81 male students from a private institution in Santa Catarina. A semi-structured questionnaire was used and a content analysis of the responses was conducted. The results showed that most participants considered that support occurs through caring for the mother's health and nutrition. In the second place, a category emerged that evidenced a lack of knowledge about specific

¹ Psicóloga (Fameg Uniasselvi), Mestra e Doutoranda em Psicologia (UFSC), Professora na Unisociesc Park Shopping e na Univinci Uniasselvi.

² Psicóloga (Fameg Uniasselvi), Mestra e Doutoranda em Educação (UFPR).

³ Psicóloga pela Univinci Uniasselvi.

⁴ Psicólogo pela Univinci Uniasselvi.

⁵ Psicóloga pela Univinci Uniasselvi.

forms of support. In conclusion, despite a more active and engaged attitude from the men, there is also a knowledge limitation about how to support the breastfeeding itself, indicating the need to broaden the spaces of information, discussion, and reflection regarding the man's role in breastfeeding.

Keywords: *breastfeeding; paternity; family relations*

Introdução

O processo de alimentação do bebê com leite materno, mesmo havendo a ingestão de outros alimentos também, é caracterizado como amamentação (AM). A AM pode ser dividida em dois momentos, o primeiro que compreende o aleitamento materno exclusivo, e o segundo em que o aleitamento é complementado com alimentos sólidos e outros líquidos (Brasil, 2015). Diferentes organizações mundiais recomendam a AM por dois anos ou mais, devendo ser exclusiva nos primeiros seis meses de vida da criança (Brasil, 2008; OMS, 2005; Unicef, 2012). No Brasil pesquisas evidenciam resultados muito aquém desta recomendação, em relação às práticas alimentares de crianças pequenas, segundo dados da II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas capitais brasileiras e no Distrito Federal. Esta pesquisa revelou que apenas 41% das crianças menores de seis meses eram alimentadas exclusivamente por leite materno (Brasil, 2009). Mundialmente, em média 35% das crianças são alimentadas exclusivamente por leite materno durante os quatro primeiros meses de vida. Esses dados demonstram que, na maioria das vezes, a alimentação complementar se inicia precocemente (OMS, 2005).

O leite materno humano é considerado o alimento mais completo para a criança, pois ele tem todos os elementos necessários à nutrição do bebê e beneficia, em diversos aspectos, tanto a criança, quanto a nutriz (Santos, 2018). Para o bebê, a AM é protetiva contra diarreia e infecções e reduz o risco de alergias (Brasil, 2015; Martins & Santana, 2013). O aleitamento materno também é importante para o desenvolvimento psicológico e emocional do bebê, promovendo o sentimento de segurança, além do fortalecimento do vínculo afetivo entre mãe e filho (Brasil, 2015; Santos, et al., 2018). Os benefícios para a saúde da mãe incluem a proteção contra o câncer de mama e outros tipos de câncer e contra o diabetes do tipo 2 (Brasil, 2015; Martins & Santana, 2013).

A mulher necessita de intensificação do apoio social, tanto na gravidez, quanto no período de AM, e o pai é considerado o principal suporte para atender suas necessidades. Cada vez mais o homem tem acompanhado sua companheira aos serviços de saúde, buscando conhecimentos para apoiá-la da melhor forma. Porém, ainda que os pais estejam cada vez mais presentes nas consultas das gestantes nos serviços de saúde e no processo de aleitamento em si, pesquisas têm mostrado que os profissionais de saúde, fundamentais no processo de orientação parental, não estão preparados para acolher esta demanda (Silva, et al. 2012). A participação dos pais na AM deve ser incentivada pelos profissionais da saúde (Lima, 2017; Silveira, 2018), visto que o apoio paterno é essencial também para maior duração da AM (Salvador, et al., 2010; Silva et al., 2012), sendo uma medida de proteção para a manutenção da AM durante o período ideal de seis meses (Serafim & Lindsey, 2002), além de ser fator protetivo para a saúde mental da mulher, pois seu suporte ajuda a diminuir as dificuldades vivenciadas pela mãe (Teston, et al., 2018).

O apoio do pai ou parceiro na AM proporciona sentimentos positivos tanto para os pais, como para as mães (Pontes, et al., 2008). O pai percebe sua contribuição para o processo de AM e experiencia satisfação em auxiliar nos cuidados, principalmente quando suas atitudes e iniciativas são reconhecidas por suas companheiras (Rêgo, et al., 2016). Todavia, apesar desta participação ativa e deste novo papel de pai, ainda existem resquícios da visão tradicional, em que o pai percebe a AM como função exclusiva da mãe, enquanto o sustento da família como responsabilidade paterna. A participação ativa do pai ou parceiro no apoio à companheira e nos cuidados dados à criança pode ajudar na mudança de perspectivas culturais sobre o exercício da parentalidade, contribuindo para a construção de um novo papel paterno no âmbito familiar, em que o homem busca participar e vivenciar integralmente desde a gravidez, transformando as relações sociais e de gênero existentes. Esse modelo de nova paternidade possibilita também a formação de um vínculo afetivo entre o pai e o bebê desde a gestação (Piazzalunga & Lamounier, 2011).

Considerando a importância da AM e a centralidade do papel do pai ou parceiro neste processo, este estudo teve como objetivo compreender como o pai ou parceiro pode auxiliar na AM, na perspectiva de homens universitários.

Método

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, de delineamento descritivo e de caráter qualitativo. Participaram 81 homens, acadêmicos dos cursos de Administração, Arquitetura, Direito e Psicologia, de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina. Cada participante respondeu a um questionário de autoaplicação individual, em sua própria sala de aula. O questionário era composto de questões sociodemográficas, para caracterização dos participantes, e de questões específicas relacionadas ao tema da pesquisa. As questões do questionário foram estruturadas com base em revisão da literatura e atendiam aos objetivos de pesquisa propostos. Para análise das respostas foi realizada uma análise de conteúdo, que distribuiu as falas em categorias por meio da identificação de semelhanças semânticas.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo que uma via ficou em posse deles. A pesquisa seguiu todas as normas da Resolução 466/12, que regulamenta as pesquisas com seres humanos, e sua realização foi aprovada em Comitê de Ética sob o Parecer número 3.399.229.

Apresentação e discussão dos resultados

A distribuição dos 81 estudantes participantes por curso de deu na seguinte proporção: Administração (n=17), Arquitetura (n=22), Direito (n=22) e Psicologia (n=20). A maior parte dos participantes cursava o oitavo (n=42) e o décimo (n=16) semestres. A idade média constatada foi de 27,25 anos ($dp= 8,25$). Em relação ao estado civil, 53 eram solteiros, 26 eram casados ou moravam junto e dois eram divorciados. A maioria dos participantes (n=63) ainda não tinha filhos.

Conhecimento sobre formas de auxílio do pai ou parceiro na AM

A análise das respostas à pergunta sobre o que o participante achava que o pai ou parceiro poderia fazer para auxiliar na AM gerou dez categorias, organizadas a partir da similaridade semântica de conteúdo das respostas. A seguir serão apresentadas, discutidas e analisadas cada uma das categorias, expostas na Tabela 1.

Tabela 1 – Formas de auxílio do pai/parceiro na AM

| Categorias | TOT | ADM | ARQ | DIR | PSI |
|---|------------|------------|------------|------------|------------|
| Cuidar da saúde e da alimentação da mãe | 19 | 3 | 6 | 6 | 4 |
| Desconhecimento de formas práticas de auxílio | 15 | 3 | 1 | 9 | 2 |
| Auxiliar com as tarefas domésticas e com o cuidado dos filhos | 13 | 4 | 2 | 4 | 3 |
| Contribuir de forma prática na AM | 13 | 2 | 6 | 2 | 2 |
| Oferecer acolhimento e apoio emocional à mãe | 11 | 0 | 4 | 2 | 5 |
| Oferecer incentivo e apoio à AM | 10 | 3 | 4 | 0 | 3 |
| Propiciar tranquilidade e controle do estresse | 10 | 2 | 1 | 4 | 3 |
| Cuidar do ambiente da AM | 9 | 2 | 0 | 4 | 3 |
| Defender a AM e as escolhas da mulher | 8 | 3 | 3 | 0 | 2 |
| Prover subsistência financeira da casa | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 |

Fonte: dados da própria pesquisa.

Legenda: TOT= Total; ADM= Administração; ARQ= Arquitetura; DIR: Direito; PSI=Psicologia.

A Tabela 1 releva que a categoria com o maior número de menções foi a ‘cuidar da saúde e da alimentação da mãe’. A análise por curso sugere uma similaridade de frequência nos cursos de Arquitetura e Direito, ambos tiveram o dobro de respostas em comparação ao curso de Administração. Nessa categoria os participantes demonstraram preocupação com quanto a saúde e a alimentação da mãe são importantes durante o período de AM. Porém, ao se referirem ao cuidado com a saúde os participantes foram, em geral, pouco específicos e, muitas vezes, era feita uma associação direta com as opções nutricionais da mulher.

“Ser parceiro e acompanhar a rotina da mãe, tanto na alimentação quanto manter uma vida saudável” (P68)

“Contribuir para a saúde da mulher, alimentação por exemplo” (P32)

“Cuidar da alimentação” (P37)

“Como a alimentação da mãe, (...) auxiliar – durante o amamentar – com os cuidados básicos para a saúde” (P40)

No estudo de Piazzalunga e Lamounier (2011), cujo objetivo foi compreender, na ótica paterna, o papel que o pai exercia durante o aleitamento materno e os fatores que facilitavam ou dificultavam sua participação nesse processo, alguns participantes afirmaram ter provido atenção para a saúde da mulher desde o pré-natal, relatando que a saúde dela impactaria na qualidade do aleitamento materno. Também na pesquisa de Pontes et al. (2008), que teve como objetivo identificar vivências, conhecimentos, comportamentos e sentimentos do pai no processo da AM, os participantes afirmaram estimular e auxiliar as mulheres na promoção de uma alimentação saudável, entendendo que ela impactava no desenvolvimento da AM. A preocupação do pai diante da saúde e alimentação da mãe lactente, quando expressa na reafirmação do seu papel de corresponsável pelos serviços domésticos e de cuidado com os filhos, pode ser um importante fator protetivo para a AM, prolongando a sua duração e a qualidade de vida da mãe no processo.

De outro lado, atitudes com características de controle e de vigilância intrusiva contribuem para as dificuldades da mulher no processo de AM e expressam a manutenção de um sistema patriarcal opressivo que coloca o homem em posição de dominação e de detenção de um conhecimento que a mulher não teria.

“Pode ajudar a controlar a alimentação da parceira, mantendo seu leite saudável” (P4)

“O pai ou parceiro deve ajudar em pontos de controle desta amamentação à criança” (P30)

“Também orientar quando a qualidade da alimentação” (P44)

O estudo de Pontes et al. (2008) também evidenciou a participação paterna expressa por de pressão na companheira. Para as autoras, são necessárias iniciativas que desmistifiquem os papéis sociais de gênero e que estimulem uma compreensão do processo de AM como responsabilidade do casal, mantido pela qualidade da conjugalidade.

A segunda categoria mais frequente se refere ao desconhecimento de formas práticas de auxílio, que englobou conteúdos mencionados por 15 participantes, a maioria (n=9) proveniente do curso de Direito. Destes, três não responderam, dois responderam diretamente que não sabiam como o pai poderia auxiliar, e os outros dez evidenciaram desconhecimento específico ao proverem respostas vagas. Tal resultado elucida a ausência ou o pouco conhecimento sobre as formas práticas de auxílio pelo pai na AM, conforme pode ser observado nas afirmações dos participantes a seguir.

“Acho que pode auxiliar em algo, mas não sei o que.” (P8)

“Auxilia no desenvolvimento da amamentação.” (P15)

“É dever do pai estar presente e ajudar no que couber para a amamentação.” (P18)

“Ajudar é preciso.” (P33)

“Com o apoio pois é algo natural da vida e todos nós passamos por isso.” (P71)

Nas entrevistas realizadas com pais participantes do estudo de Serafim e Lindsey (2002), que tinha como objetivo colher informações para melhorar a assistência educativa relativa ao aleitamento materno, verificou-se que os pais apresentaram interesse e disposição em ajudar no período de AM, entretanto, muitos homens consideravam a AM uma responsabilidade exclusiva da mulher, noção também encontrada no estudo de Pontes et al. (2008), realizado com 17 casais do Recife. O trabalho de Brito, et al. (2005) demonstrou que durante o processo de AM, a ajuda dos parceiros era mais evidente nos três primeiros meses do filho, sob a justificativa de que, nesse período, a mulher ainda estava em recuperação. Este dado explicita que, na opinião dos homens o auxílio instrumental do parceiro era relacionado ao processo de recuperação biológica da mulher, evidenciando uma compreensão limitada sobre a AM e sobre o papel do homem neste período.

O estudo realizado por Paula, et al. (2010), que objetivou investigar o conhecimento do pai sobre o aleitamento materno e analisar sua participação nesse processo, identificou que os pais desejavam que seus filhos fossem amamentados, no entanto, de modo geral eles não se envolviam no processo. Os dados mostraram que não havia uma participação ativa dos pais na AM e que muitos não sabiam delimitar o tempo ideal mínimo de AM e afirmaram não terem recebido orientações durante o pré-natal sobre o tema e os aspectos que o envolviam.

Cadoná e Strey (2014) discutiram, a partir de materiais da Campanha da Amamentação da Sociedade Brasileira de Pediatria, discursos sobre a maternidade, por intermédio das práticas de incentivo ao aleitamento materno. Estes materiais colocavam a mãe no lugar de principal responsável pela saúde dos filhos e o pai acabava ocupando um papel secundário nessa relação. A maioria das campanhas realizadas evidenciava a figura de uma mulher sozinha amamentando seu filho, que carregava a mensagem da importância de a mãe amamentá-lo. Entende-se que aproximação efetiva dos homens do tema amamentação passa pela sua apropriação de conhecimentos sobre a temática e pela legitimação de seu lugar de corresponsável em relação aos filhos, inclusive no período de amamentação.

A categoria ‘auxiliar com as tarefas domésticas e com o cuidado dos filhos’, teve menções de participantes de todos os cursos, com pequenas diferenças nas frequências entre eles.

“Auxiliar sua esposa nos demais serviços para ela ter o tempo da amamentação sem se preocupar com outros trabalhos domésticos.” (P61)

“Independente do tempo que demore. Os pais também devem fazer as tarefas que facilitem o dia a dia das mães e dos bebês.” (P66)

“Ajudar no que for necessário, acordar a noite para poder dar um descanso para a mãe.” (P14)

Piazzalunga e Lamounier (2011) buscaram compreender o papel do pai no decorrer do processo de AM e a forma como ele era representado entrevistando 12 pais. Os participantes, expressaram disposição e alegria em participar de forma mais efetiva na vida familiar, podendo contribuir e cuidar dos filhos. Entre os diversos papéis exercidos por eles, foi mencionado o auxílio nas tarefas domésticas.

Esse fato também foi identificado no estudo de Montigny, et al. (2017), que tinha como objetivo verificar as percepções dos pais em relação a sua função no contexto da AM. A partir das entrevistas dos 43 participantes, pais de filhos que foram amamentados por no mínimo seis meses, foi possível perceber que eles assumiam diversas tarefas domésticas, buscando compensar a sobrecarga da mãe em função da AM.

Piccinini, Silva, et al., (2004), investigaram como se dava o envolvimento paterno durante o terceiro trimestre da gestação. Os autores constataram que os pais possuíam algumas preocupações em auxiliar na manutenção da saúde da mãe por meio da execução de atividades como cozinhar, quando necessário, e auxiliar nos afazeres domésticos. Outras funções também foram citadas, como acompanhar as consultas, buscar medicamentos na farmácia, planejar a rotina pós-parto e organizar o quarto e a mala do bebê.

Sousa (2010) realizou uma revisão de literatura buscando identificar práticas familiares relacionadas à manutenção da AM. A partir da análise de 14 estudos, o autor identificou o auxílio nas tarefas domésticas como uma das formas de apoio instrumental para a AM. Wagner, et al., 2020) chamam a atenção para o fato de que a rede de apoio social da nutriz é fortalecedora da AM quando exerce funções de apoio, como auxílio material e de serviços, nas tarefas domésticas e na participação direta no processo.

Cabe considerar, porém, que a participação nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, no presente estudo, foi mencionada, em muitas falas, a partir de um sutil entendimento de que durante o período de AM o homem poderia realizar atividades que não seriam, usualmente, de seu domínio, como cozinhar, cuidar de outras crianças e da limpeza da casa, sugerindo a manutenção de um sistema relacional que coloca a mulher como principal responsável pela casa e pelos filhos e o homem como alguém que, em condições extraordinárias, poderia auxiliá-la nestas funções.

“Prestar assistência para a parceira no ato da amamentação. Auxílio pelo fato da mãe estar ocupada” (P78)

“O pai ou parceiro deve auxiliar (...) afazeres domésticos no começo da amamentação” (P29)

“Auxiliar sua esposa nos demais serviços para ela ter o tempo da amamentação sem se preocupar com outros trabalhos domésticos” (P61)

Assim, as referências ao cuidado com o lar eram feitas colocando o homem no lugar de ajudante temporário. Essa compreensão sugere que, assim que saírem do período de aleitamento, a mulher teria diante de si a sobrecarga de funções que historicamente vem limitando suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e mitigando sua saúde mental e física. Neste sentido, esta perspectiva também teria potencial de agir como fator de risco para o desmame precoce. Assim, entende-se que as possibilidades de compreensão dessa categoria são dúbias, a depender das nuances de sentido compreendidas nas formas de cuidado e participação e na sua dimensão temporal, demandando um olhar crítico e parcimonioso.

A divisão de tarefas é um fator importante no desenvolvimento e na manutenção da AM, assim como na proteção da saúde mental da mãe. Desta forma, entende-se que o pai precisa assumir mais

tarefas, para além da divisão já esperada, contribuindo na redução da carga de trabalho que é adicionada à mãe. Ou seja, é fundamental que o pai exerça um papel mais ativo neste período.

Assim, entende-se que o papel do parceiro/pai no período de AM, em relação às tarefas domésticas e ao cuidado com os filhos, demanda intensificação e ampliação de sua participação. No estudo de Montigny et al., (2017), assumir a responsabilidade pelas tarefas domésticas foi uma das maneiras que os pais encontraram para compensar o fato de não poderem amamentar, garantindo o funcionamento familiar e aliviando as responsabilidades da mulher.

Nesta discussão sobre equidade entre gêneros, cabe também a reflexão feita por Bruschini e Ricoldi, (2012), em seu estudo os homens se mostraram envolvidos e presentes no trabalho doméstico, porém o horário de trabalho foi visto como um empecilho para um maior envolvimento nas tarefas. A falta de preparo das empresas para essa mudança que vem acontecendo nas famílias, onde homens e mulheres possuem uma divisão igualitária dos trabalhos domésticos, incluindo o cuidado com os filhos, foi apontada como um aspecto dificultador. Estas reflexões sugerem que discutir igualdade de gênero pressupõe a revisão de políticas públicas e de leis do trabalho.

A quarta categoria, 'contribuindo de forma prática na AM' contém falas de 13 participantes, a maior parte do curso de Arquitetura (n=6). Alguns exemplos de formas práticas de ajuda, atuando diretamente no ato e no momento da AM, são observados nas falas a seguir.

“Quando não há a possibilidade da presença da mãe no momento, o pai pode usar o leite materno coletado para a alimentação da criança.” (P10)

“Acho que o pai pode buscar uma forma, ajudar a segurar o bebê, fazer o bebê arrotar.” (P35)

“Ajudando no cronograma para amamentar a criança.” (P13)

“Estimular suas glândulas mamárias afim de desenvolver a produção de leite e auxiliar na alimentação da criança.” (P42)

No estudo de Paula et al. (2010) os pais participantes relataram ter disposição para ajudar a parceira na AM em si. Os tipos de apoio mais ofertados eram: cuidados com higiene e vestuário, acalantar o bebê no colo quando ele chorava e colocá-lo no colo da mãe para amamentar. Pesquisas da área apontam que acalmar o bebê e ajudar a posicioná-lo no colo da mãe estão dentre as atividades mais mencionadas de apoio do pai ou parceiro no momento da AM em si (Paula et al., 2010; Piazzalunga & Lamonier, 2011; Rêgo et al., 2016), resultados que se aproximam do presente estudo. A administração do leite materno armazenado é uma importante ação que funciona como fator de proteção para o desmame, especialmente em mães que trabalham fora. Nesta categoria também foi observada a noção de que o pai poderia auxiliar na administração do leite materno previamente armazenado, quando a mãe se ausentasse, como expressam as falas a seguir.

“Quando não há a possibilidade da presença da mãe no momento, o pai pode usar o leite materno coletado para a alimentação da criança” (P10)

“Auxiliando na coleta do leite excedente e de seu preparo” (P39)

A categoria 'oferecendo acolhimento e apoio emocional à mãe' foi composta por onze menções, a maior parte (n=5) advinda de participantes do curso de Psicologia, resultado esperado uma vez que a própria formação acadêmica desde curso discute a relevância da saúde mental da mulher para o exercício saudável de sua parentalidade.

“Ter atitudes que propiciem um bem estar psicológico para a mãe, afim de não afetar a produção de leite” (P49)

“Entendo que todo o contexto faz parte para um aleitamento materno saudável, por isso acredito que o apoio e acolhimento da mãe seja fundamental, mas no fim é estar do lado da mãe nesse momento.” (P67)

“Dar suporte e apoio emocional a mãe já que este processo pode ser dolorido no início e caso o leite empedre.” (P69)

No estudo realizado por Montigny et al. (2017), os pais participantes viam como uma de suas funções principais prover apoio emocional à mãe, fazendo com que ela soubesse que não estava sozinha com as responsabilidades relacionadas à parentalidade. O apoio emocional à mãe pode assumir várias formas, como atenção e diálogo, afeto, carinho, elogios, valorização e fomento à autoestima da mãe e de apoio às suas decisões (Sousa, et al., 2013).

A categoria 'oferecendo incentivo e apoio à AM' teve um total de dez menções, apresentando frequências similares entre os cursos de Administração (3), Arquitetura (4) e Psicologia (3), não houve menções de alunos do curso de Direito.

“Incentivar a mãe a amamentar porque é algo importante para o desenvolvimento da criança.” (P59)

“Se colocando à disposição para facilitar o processo, apoiando e incentivando.” (P65)

A pesquisa de Montigny et al. (2017) confirma o papel do pai como fonte de incentivo à mãe. O pai, além de poder contribuir com a prática do aleitamento em si, pode também ser um influenciador da AM (Jeneral, et al., 2015). Porém, esse incentivo não pode se manifestar como pressão à mãe para que a AM ocorra (Sousa et al., 2013). Como o pai ou parceiro é uma das principais figuras da rede de apoio da mulher, o seu incentivo à AM é um fator protetivo para evitar o desmame precoce e para a saúde mental da mãe.

A categoria 'propiciando tranquilidade e controle do estresse' teve dez menções provenientes de participantes de todos os cursos. Esta categoria expressa uma preocupação em evitar o esgotamento emocional e o estresse da mulher.

“Primeiro, não estressar a mulher, que já fica sensibilizada após o parto, tanto físico, quanto emocionalmente.” (P32)

“Pode colaborar pelo bem estar da esposa para que a mesma tenha uma boa qualidade, pois causas de stress acarretam na dificuldade do aleitamento.” (P44)

A preocupação dos participantes em relação ao estresse é pertinente, o processo da AM pode, potencialmente, desencadear sintomas de estresse e esgotamento emocional. No estudo de Carrascoza, et al., (2005), com mães que vivenciaram o desmame precoce, 25 participantes relataram sintomas de estresse durante o processo de desmame, do total de 40 mães participantes. Por outro lado, sentimentos de tranquilidade e a percepção de controle sobre o estresse auxiliavam o processo de AM. Também no estudo de Arantes (1995) as participantes revelaram que a tranquilidade e o relaxamento eram condições fundamentais para o sucesso da prática.

Existem diversos fatores associados ao estresse da mãe que influenciam a produção de leite. O tipo de parto, dificuldades durante o trabalho de parto e o uso de medicamentos podem gerar estresse maternal ou fetal, que por sua vez estão relacionados à AM. Contudo, grande parte das dificuldades podem ser resolvidas através de suporte, motivação e manejo apropriado da AM, a falta de suporte durante este período pode resultar no uso precoce e prolongado de suplementos e no desmame (Dewey, 2001).

A categoria 'cuidar do ambiente da amamentação' foi citada por nove participantes. Estas menções evidenciavam a importância de propiciar um ambiente confortável para que a mãe realizasse a amamentação mais tranquilamente.

"Proporcionando um ambiente saudável para que a amamentação ocorra de forma tranquila."
(P3)

"Verificar se sua parceira está com dificuldades na hora da amamentação, e se for o caso ajudá-la proporcionando um ambiente agradável e que se sinta bem possibilitando um ambiente propício para a amamentação sem muito ruído, luminosidade de qualidade, lugar confortável para a parceira e o bebê." (P75)

Para Benedett, et al., (2018), a importância com o cuidado do ambiente é enfatizada na literatura como um elemento importante para facilitar o processo da AM. Neste período a mulher vivencia alguns desconfortos, como dores nas costas, no pescoço e nos braços, por não conseguir manter uma postura adequada, assim como lesões nos mamilos, fadiga, privação de sono, dificuldade para manter uma rotina e para lidar com o barulho do ambiente. Em seu estudo, os mesmos autores buscaram conhecer as estratégias que as nutrizes utilizavam para obter conforto durante a AM. As participantes da pesquisa relataram manter o ambiente calmo e claro, buscar uma postura confortável e identificar qual o melhor cômodo para amamentar. O apoio do pai nessa situação pode ser auxiliar a mãe a encontrar uma postura confortável para ela e para a criança (Sousa et al., 2013).

A categoria 'defendendo a amamentação e a escolha da mulher' foi composta por falas de oito participantes, sendo a nona mais frequente. Nenhuma fala pertencia a participantes do curso de Direito. Tal fato chama a atenção considerando que o tema já foi alvo de discussões também do campo jurídico com vistas à garantia do direito de a mulher amamentar em todos os espaços e contextos.

"Defendendo o direito da mãe amamentar seu filho onde bem desejar." (P3)

“Incentiva a amamentação mesmo em locais públicos, transformando o momento em algo familiar. Ajudando a controlar a vergonha.” (P48)

“Incentivar a sua companheira para este ato principalmente em locais públicos.” (P58)

No estudo de Piazzalunga e Lamounier (2011), os participantes afirmaram apoiar e dar voz à mãe para ela escolhesse onde e quando quisesse amamentar. Na pesquisa de Sherriff, et al., (2014), os pais participantes relataram encorajar a mãe a iniciar e a continuar o aleitamento materno mesmo com dificuldades, inclusive auxiliando no empoderamento para a AM em público. Quando o pai ou parceiro encoraja a AM, independentemente do local em que ela é exercida, quando compartilha a responsabilidade pelo processo e possibilita um sentimento de segurança e de amparo para a mãe, ele contribui para a manutenção da prática (Piazzalunga & Lamounier, 2011).

No Brasil, com frequência, situações em que mulheres são constrangidas por amamentar em público são expostas pela mídia. Essa realidade vem movimentando a esfera pública para o desenvolvimento de leis que protejam este direito das mães. Uma das razões para o repúdio popular à AM em público é a erotização dos seios da mulher (Kalil & Aguiar, 2017). Wolf (2008) alerta para o fato de que há sérias consequências para a saúde pública decorrentes de um foco sexual sobre os seios da mulher, em detrimento das suas funções biológicas, no contexto dos Estados Unidos. O constrangimento da AM em público tem contribuído para a diminuição das taxas de aleitamento materno, e do consequente crescimento das taxas de alimentação das crianças por meio de fórmulas e outros leites. A oposição à AM em público esconde uma contradição que vulnerabiliza ainda mais a mulher, tirando-a dos espaços públicos, como expõe Wolf (2008), quando aponta a existência de uma dupla perspectiva sobre a AM, revelada pela insistência em que ela ocorra entre quatro paredes: de um lado ela é reconhecida como uma ação benéfica a ser feita, de outro lado, ela é ofensiva. Diante da complexidade de atitudes e posicionamentos sobre a AM, a participação paterna na defesa do direito da mulher de realizá-la em locais públicos é uma importante ferramenta para a sua manutenção e para a proteção da mulher.

A última categoria, ‘provendo subsistência financeira da casa’, teve apenas uma menção, de um participante do curso de Direito. Trata-se da categoria que mais representa a percepção de um papel tradicional do homem na família.

“Sustentar a casa para que a mulher não precise trabalhar.” (P36)

No estudo de Pontes, et al., (2009) também emergiram algumas falas dos casais participantes que colocavam o homem no papel de provedor financeiro da casa. Piazzalunga e Lamounier (2011) expressam que, apesar de haver uma participação mais ativa e a emergência de um novo papel paterno nas famílias, vestígios de uma visão tradicional, em o pai percebe a amamentação como função exclusiva da mãe, e o sustento econômico da família como sua responsabilidade, ainda persistem. Tal perspectiva, bastante presente em gerações anteriores, atualmente mostra-se antiquada e insuficiente, uma vez que há um entendimento atual de que os cuidados e as responsabilidades com a casa e com os filhos, bem como a sua manutenção financeira, devem ser compartilhados entre o casal. A posição

desta categoria em relação às demais revela que há um movimento de ruptura com concepções historicamente presentes no ideário social sobre a função paterna entre os participantes da presente pesquisa.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo compreender como o pai ou parceiro pode auxiliar na amamentação, na perspectiva de homens universitários. Os resultados indicam a presença de diferentes percepções sobre o que o pai/parceiro pode fazer para auxiliar na amamentação, revelando o quanto este tema é multifacetado. A categoria com maior frequência se referiu ao apoio do homem em questões relacionadas à saúde geral e à alimentação da mulher, evidenciando uma maior atenção aos aspectos fisiológicos desde período. Estes aspectos são de fato importantes para o bem-estar da mulher que amamenta e o apoio do pai ou companheiro pode ser decisivo para a continuidade do processo de AM. Porém, observou-se em algumas falas esta categoria um posicionamento intrusivo, com características de controle em relação à comportamentos da mulher, especialmente aqueles relacionados à escolha alimentar. Neste sentido, essa atitude do homem ou parceiro pode atuar na contramão da manutenção da AM, além de implicar negativamente na saúde mental da mulher. A atenção e o cuidado em relação a aspectos da saúde e da alimentação da mulher precisam ser pensados sob uma ótica colaborativa, em que as opiniões e escolhas da nutriz sejam respeitadas.

Ainda que a primeira categoria sugira uma postura mais ativa e engajada dos homens em colaborar com o processo da AM, muitos participantes demonstraram desconhecimento sobre as possibilidades de auxílio, sendo esta a segunda categoria com mais menções. Tal fato elucida a necessidade de ampliar os espaços de informação, discussão e reflexão sobre o papel do homem na amamentação, prática que deve ter início já no pré-natal. Adicionalmente, é necessário fomentar diálogos e reflexões sobre a constituição e o exercício de uma nova parentalidade, que pressupõe a coparticipação do casal em todos as questões relacionadas aos filhos.

A terceira maior categoria referiu-se ao auxílio nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos. Ainda que esta seja uma importante atividade do pai ou parceiro, chamou a atenção na maioria das falas as características temporais desse auxílio, condicionadas ao tempo de AM e à vulnerabilidade física da mulher neste período. Esta perspectiva vai de encontro à noção de corresponsabilidade parental, tanto em relação ao cuidado com os filhos, como com a casa. Em períodos em que a mulher amamenta a divisão de tarefas e cuidados precisa ser intensificada pelo homem, para além da divisão habitual que, idealmente, já ocorre, em função da demanda de tempo e energia que o processo de AM requer da mulher.

Em relação à possíveis análises entre cursos, diferenças sutis foram percebidas em algumas categorias. Observou-se um maior desconhecimento sobre formas práticas de auxílio nos participantes do curso de Direito, que também foi o curso em que a única fala sobre ser papel do homem a manutenção financeira da casa emergiu. Estes aspectos sugerem uma atitude mais tradicional em relação à nova paternidade entre os alunos deste curso. Adicionalmente, dentre os participantes do curso de Direito, nenhum participante mencionou o apoio à defesa do direito de a mulher amamentar

em público, questão que emergiu em todos os demais cursos. Dos participantes do curso de Psicologia emergiu o maior número de menções ao apoio emocional ofertado à nutriz, categoria que teve poucas ou nenhuma menção nos cursos de Administração e Direito. Os participantes do curso de Arquitetura, de seu lado, foram os que mais demonstraram conhecimentos específicos sobre formas práticas de auxílio do pai ou parceiro na AM.

O objetivo deste estudo foi alcançado e entende-se que a partir dos resultados obtidos é possível articular estratégias com o intuito de informar e envolver os pais ou parceiros no processo da AM. Entretanto, sugere-se a realização de um estudo de maior abrangência, contemplando a participação de um número maior de participantes, de diferentes regiões, com e sem formação acadêmica.

Referências

- Arantes C.I.S. (1995). Amamentação: Visão das mulheres que amamentam. *Jornal de Pediatria*, 71(4), 195-202.
- Benedett, A., Ferraz, L., & Silva, I. A. (2018). A prática da amamentação: Uma busca por conforto. *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, 10(2), 458-464.
- Brasil. (2008). Ministério da Saúde. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. 2ª ed. Brasília.
- Brasil. (2009). Ministério da Saúde. *II Pesquisa de prevalência de aleitamento materno nas capitais brasileiras e Distrito Federal*. 1ª ed. Brasília.
- Brasil. (2015). Ministério da Saúde. *Saúde da criança: Aleitamento materno e alimentação complementar*. Brasília.
- Brito, R. S., Enders, B. C., & Soares, V. G. (2005). Lactação materna: A contribuição do pai. *Revista Baiana de Enfermagem*, 19(1), 105-112.
- Bruschini, M. C. A., & Ricoldi, A. M. (2012). Revendo estereótipos: O papel dos homens no trabalho doméstico. *Estudos Feministas*, 20(1), 259-287.
- Cadoná, E., & Strey, M. N. (2014). A Produção da maternidade nos discursos de incentivo à amamentação. *Estudos Feministas*, 22(2), 477-499.
- Carrascoza, K. C., Júnior, Á. L. C., Ambrozano, G. M. B., & Moraes, A. B. A. (2005). Análise de variáveis biopsicossociais relacionadas ao desmame precoce. *Paidéia*, 15(30), 93-104.
- Dewey, K. G. (2001). Maternal and fetal stress are associated with impaired lactogenesis in humans. *The Journal of Nutrition*, 131(11), 3012S–3015S.
- Jeneral, R. B. R., Bellini, L. A., Duarte, C. R., & Duarte, M. F. (2015). Aleitamento materno: Uma reflexão sobre o papel do pai. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, 17(3), 140-147.
- Kalil, I. R., & Aguiar, A. C. (2017). Silêncios nos discursos próaleitamento materno: Uma análise na perspectiva de gênero. *Estudos Feministas*, 25(2), 637-660.
- Lima, J. P., Cazola, L. H. O., & Pícoli, R. P. (2017). A participação do pai no processo de amamentação. *Cogitare Enfermagem*, 22(1), 01-07.
- Martins, M. Z. O., & Santana, L. S. (2013). Benefícios da amamentação para saúde materna. *Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente*, 1(3), 87-97.

- Montigny, F., Gervais, C., Larivière-Bastien, D., & St-Arneault, K. (2018) The role of fathers during breastfeeding. *Midwifery*, 58, 6-12.
- Organização Mundial da Saúde. (2005). Fundo das Nações Unidas. *Estratégia global para a alimentação de lactentes e crianças de primeira infância*. São Paulo: IBFAN.
- Paula, A. O., Sartori, A. L., & Martins, C. A. (2010). Aleitamento materno: Orientações, conhecimento e participação do pai nesse processo. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12(3), 464-70.
- Piazzalunga, C. R. C., & Lamounier, J. A. (2011). O contexto atual do pai na amamentação: uma abordagem qualitativa. *Revista Médica de Minas Gerais*, 21(2), 133-141.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- Pontes, C. M., Alexandrino, A. C., & Osório, M. M. (2008). Participação do pai no processo da amamentação: Vivências, conhecimentos, comportamentos e sentimentos. *Jornal de Pediatria*, 84(4), 357-364.
- Pontes, C. M., Alexandrino, A. C., & Osório, M. M. (2009). O envolvimento paterno no processo da amamentação: Propostas de incentivo. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 9(4), 399-408.
- Rêgo, R. M. V., Souza, A. M. A., Rocha, T. N. A., & Alves, M. D. S. (2016). Paternidade e amamentação: Mediação da enfermeira. *Acta Paulista de Enfermagem*, 29(4), 374-80.
- Salvador, J. P., Ximenes, V. L., Silva, I. C. M., & Silva, M. F. P. (2010). Participação do companheiro na promoção do aleitamento materno exclusivo em hospital amigo da criança. *Revista Interdisciplinar NOVAFAPI*, 5(1), 30-36.
- Santos, Z. B. (2018). Benefícios do aleitamento materno exclusivo para o lactente e para a nutriz até o sexto mês. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 7(2), 84-109.
- Serafim, D., & Lindsey, P. C. (2002). O aleitamento materno na perspectiva do pai. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*, 1(1), 19-23.
- Sherriff, N., Hall, V., & Panton, C. (2014). Engaging and supporting fathers to promote breast feeding: A concept analysis. *Midwifery Journal Elsevier*, 30, 667-677.
- Silva, B. T., Santiago, L. B., & Lamonier, J. A. (2012). Apoio paterno ao aleitamento materno: Uma revisão integrativa. *Revista Paulistana de Pediatria*, 30(1), 122-30.
- Silveira, F. J. F., Barbosa, J. C., & Vieira, V. A. M. (2018). Conhecimento dos pais sobre o processo de aleitamento materno em mães de uma maternidade pública em Belo Horizonte, MG. *Revista Médica de Minas Gerais*, 28, 1-6.
- Sousa, A. M., Fracoli, L. A., & Zoboli, E. L. C. P. (2013). Práticas familiares relacionadas à manutenção da amamentação: Revisão da literatura e metassíntese. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 34(2), 127-134.
- Sousa, A. M. (2010). *Práticas familiares e o apoio à amamentação: Revisão sistemática e metassíntese*. (Dissertação), Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Teston, E. F., Reis, T. S., Góis, L. M., Spigolon, D. N., Maran, E., & Marcon, S. S. (2018). Aleitamento materno: Percepção do pai sobre seu papel. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 8, 1-7.

- Unicef. (2012). *Manual do aleitamento materno*. Comitê Português para a UNICEF Comissão Nacional Iniciativa Hospitais Amigos dos Bebês.
- Wagner, L. P. B., Mazza, V. A., Souza, S. R. R. K., Chiesa, A., Lacerda, M. R., & Soares, L. (2020) Fortalecedores e fragilizadores da amamentação na ótica da nutriz e de sua família. *Revista da Escola de Enfermagem*, 54, 1-9.
- Wolf, J. H. (2008). Got milk? Not in public! *International Breastfeeding Journal*, 3(11), 3.

Endereço para correspondência

claudia.daiana@gmail.com

Enviado em 18/03/2022

Revisado em 19/01/2023

Aceito em 20/04/2023